

## CABEÇO DA BRUXA, ALPIARÇA (DISTRITO DE SANTARÉM)

### Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979

*Philine Kalb e Martin Hóck*

A primeira campanha de escavações no Cabeço da Bruxa, nos arredores de Alpiarça, foi bruscamente interrompida em Fevereiro de 1979: a cheia do Tejo atingiu no início desse ano proporções inesperadas, a escavação ficou isolada durante uma semana e, quando a água desceu, os cortes encontravam-se desfigurados por erosão e deposição de areias, os perfis tinham ruído e uma tempestade ciclónica tinha destruído as tendas da escavação, o que só por si tornou impossível a continuação dos trabalhos. Felizmente, foram em reduzido número os achados que se misturaram (cerca de 50 de um total de 856 complexos).

Enquanto este relatório preliminar está no prelo, a escavação está novamente em curso \*. A experiência da cheia revelou-se muito útil para a interpretação da história do Cabeço da Bruxa, bem como para explicar algumas estruturas. Consideramos positivo ter feito esta experiência, não a queremos contudo repetir. Neste relatório preliminar são abordados alguns dos problemas que a escavação levantou e que têm significado para além da história do povoamento estritamente local.

1. O Cabeço da Bruxa está povoado durante o Calcolítico; dada a presença dos chamados ídolos-de-cornos O, ou suportes para espeto, esta ocupação corresponde ao chamado horizonte de Vila Nova de São Pedro I (°). Faltam porém no Cabeço da Bruxa todos os outros achados que habitualmente são considerados característicos deste «horizonte de importação». A distância entre o Cabeço da Bruxa e Vila Nova de São Pedro é de 20 km em linha recta. Será assim de atribuir um significado cronológico, social ou económico a essa diferença em relação ao espectro característico do «horizonte de importação»?
2. No Cabeço da Bruxa existem achados campaniformes e do Bronze Médio, mas tão poucos que não parecem ser indício de um povoamento mas sim apontar para a existência de sepulturas individuais. Porque razão teria sido abandonado o povoado? Acaso teriam factores climáticos tido um papel importante? Uma

---

(\*) Pelo valioso apoio prestado às escavações, gostaríamos de expressar aqui os nossos agradecimentos à Câmara Municipal de Alpiarça, à Escola Prática de Cavalaria de Santarém, aos Bombeiros Municipais de Alpiarça, à Direcção e pessoal da Quinta da Goucha e ao Museu Monográfico de Conímbriga. Pedro Saraiva e Margarida Rebelo da Silva prepararam as ilustrações para publicação, Feliciano Morgado passou a limpo a planta topográfica. Para eles vão também nossos agradecimentos. As fotografias foram feitas pelos autores. O presente texto é a tradução do original alemão publicado nos *Madriider Mitteilungen* 21, 1980, pp. 91 ss., entregue para publicação em Janeiro de 1980.

(°) K. Spindler, *Madriider Mitteilungen* 12, 1971, p. 64.

(°) H. N. Savory, *Madriider Mitteilungen* 13, 1972, p. 28.

sequência de cheias acima da média tornaria o local certamente inóspito.

3. Durante a escavação apareceram *in situ* três urnas com espólio associado. Este facto assume tanto mais importância quanto existem 50 vasos procedentes dos «Urnenfelder de Alpiarça»<sup>(3)</sup>, localizados de um e outro lado do «oppidum» do Castelo, cujo contexto exacto todavia se ignora. As três urnas do Cabeço da Bruxa foram encontradas! tão distantes; umas das outras que se põe a questão se será aqui correcto empregar, como o fez Mendes Corrêa, o termo «Urnenfeld» para designar estas necrópoles, e se a atribuição cultural nele deliberadamente implícita está realmente certa.
4. Em época romana, o cabeço é novamente povoado (são disso prova sobretudo algumas estruturas descobertas na segunda campanha). M. Delgado trata num artigo à parte da cerâmica romana da primeira campanha de escavações.

### Situação

O Cabeço da Bruxa localiza-se na Quinta da Goucha, Freguesia e Concelho de Alpiarça, a cerca de 600 m a Oeste da EN 118 de Alpiarça a Almeirim; tem as coordenadas geográficas 8° 35' 26" W de Greenwich/ 39° 14' 19" N (valores aproximados obtidos a partir da Carta Corográfica de Portugal 1:50.000, fl. 31-A, I.G.C. 1976). O cabeço consiste numa elevação de areia<sup>(4)</sup> que se eleva cerca de 6 m sobre a planície de aluvião circundante e lembra à primeira vista um *tell*, embora a camada arqueológica atinja em média apenas 1 m.

### Bibliografia

O cabeço foi referenciado pela primeira vez como estação arqueológica por A. A. Mendes Corrêa; G. Zbyszewski foi o primeiro a publicar achados ali efectuados e G. Marques estudou o local conjuntamente com as outras estações dos arredores de Alpiarça (Est. I., 1). Um objecto de pedra de grande comprimento, que segundo estes dois últimos autores teria sido encontrado no Cabeço da Bruxa, é, na verdade, proveniente de Vale do Peixe (Est. I., 1, n.º 5)<sup>(5)</sup>.

Mendes Corrêa refere-se em 1934<sup>(6)</sup> pela primeira vez ao Cabeço da Bruxa. Menciona duas estações com este nome sem que fique claro

<sup>(3)</sup> G. Marques, *Arqueologia de Alpiarça* (Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa 13) 1972. No Castelo de Alpiarça, cujas muralhas estão ainda conservadas até uma altura de mais de 2m, não foram ainda realizadas escavações. Os achados de superfície são indício de um povoamento pré-romano e da época romana. G. Marques publicou um esboço da planta na escala 1:25 000.

<sup>(4)</sup> Agradecemos este esclarecimento a Ralf Hoffmann e Wolfgang Roschmann, do Instituto de Paleontologia da Universidade de Munique, que recolheram e promoveram a análise de amostras de areia.

<sup>(5)</sup> Na *História de Portugal*, Edição Monumental da Portucalense Editora I (1928) A. A. Mendes Corrêa publica na pág. 126 um instrumento de pedra de grandes dimensões que é dado como proveniente de «Goucha (Alpiarça)». M. Heleno, Notícia de alguns instrumentos neolíticos de grande comprimento, *Ensaios de Arqueologia* III (1933) cita na pág. 2 este objecto, indicando a mesma proveniência. No entanto, a partir de A. A. Mendes Corrêa, *Pré-História e gente do Ribatejo*, Separata do *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, 1941 p. 8, chega-se à conclusão que este objecto é «proveniente do Vale do Peixe, Goucha, Alpiarça», e não do Cabeço da Bruxa como supuseram G. Zbyszewski e C. Marques (cf. notas 3 e 8).

<sup>(6)</sup> A. A. Mendes Corrêa, *Ribatejanos*, Extractos dos Números 37-42 do *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, 1934, p. 11.

de qual delas provêm as «molae manuariae e cerâmica de época romana». Pela mesma data refere, no Cabeço da Bruxa, «uns kms. ao SW da Quinta dos Patudos, pedras trabalhadas, lateres, vasos, etc.»<sup>(7)</sup>.

Uma primeira indicação pormenorizada da localização bem como a publicação de achados deve-se a G. Zbyszewski em 1943: «à 500 m environ à TOuest de la ferme de Goncha (entre la route nationale et la rivière d'Alpiarça)». Apresenta então achados de superfície: cerâmica romana, da Idade do Ferro e neolítica, e, sobretudo, artefactos de pedra paleolíticos<sup>(8)</sup>.

Também G. Marques refere em 1972 uma «ocupação do local pelo menos nas épocas Neolítica, do Ferro e Romana»<sup>(9)</sup>. Sublinha, como o fizera já Zbyszewski, a importância do local e acentua a urgência de uma escavação científica, tendo particularmente em conta que a racionalização da agricultura iria pôr fortemente em causa a conservação do cabeço<sup>(10)</sup>.

*Primitiva extensão e progressiva destruição do cabeço (Ests. I, 2 e II).*

Actualmente, o cabeço é rodeado por extensos vinhedos; a vegetação que o cobre consiste em erva e algumas árvores (sobreiros e oliveiras). Antigamente, como se pode depreender de uma fotografia aérea efectuada na década de 50 para o I.G.C., a Vala de Alpiarça deve ter passado mais perto do cabeço do que na actualidade. De uma área primitiva de cerca de 200 X 100 m restava no início da campanha apenas uma extensão de 90 X 40 m, área que durante as cheias de Fevereiro de 1979 foi reduzida para 70 X 25 m; no auge da cheia ficou fora de água uma superfície de apenas 40 X 25 m.

O Cabeço da Bruxa é considerado um obstáculo à exploração agrícola racionalizada. Por volta de 1956 foi por isso removida toda a parte Sul — segundo relatam trabalhadores da Quinta da Goucha — para aterrar uma depressão a Ocidente do cabeço (supomos que se trata do antigo leito da Vala de Alpiarça). Depois disso, mais terras foram removidas para terraplanagens na região de Vale de Cavalos (7 km NE de Alpiarça)<sup>(11)</sup>. Além disso, o cabeço é aproveitado pela população dos arredores como areeiro. Para Janeiro de 1979 estava prevista a remoção de 5 000 m<sup>3</sup> de terra, destinada à construção de um dique perto de Santarém; isso teria significado sem dúvida a destruição total dos estratos arqueológicos<sup>(12)</sup>.

A autorização para os trabalhos arqueológicos foi pedida em Novembro de 1978; em Dezembro foi levantada a planta topográfica. Os trabalhos de escavação começaram em 4 de Janeiro de 1979 e tiveram que ser interrompidos por causa da «cheia do século» em 9 de Fevereiro.

<sup>(7)</sup> Id., Urnenfelder de Alpiarça, *Anuário de Prehistoria Madrilena* 4-6, 1933, 35, pp. 131-138, nota 5.

<sup>(8)</sup> G. Zbyszewski, La station préhistorique de Goncha (Alpiarça) *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 24, 1943, 99-108. Em antigos mapas, por exemplo na folha 20 da Carta 1:100 000, 1866, aparece «Goncha» em vez de «Goucha», o que é certamente uma gralha tipográfica.

<sup>(9)</sup> Marques, *op. cit.* (nota 3).

<sup>(10)</sup> Uma escavação nesses moldes foi iniciada por G. Marques e G. Migueis Andrade em 1972; os resultados não foram ainda publicados. Segundo as indicações dos cadernos de campo, que pudemos consultar graças à amabilidade daqueles colegas, e de acordo com as suas próprias indicações trata-se de um corte relativamente pequeno numa zona que tinha já sido destruída antes de darmos início às nossas escavações.

<sup>(11)</sup> Informação de Gil Migueis Andrade.

<sup>(12)</sup> Deve-se à Câmara Municipal de Alpiarça que este projecto não tenha sido concretizado, ao pôr à disposição terras de um outro local.

### *Quadriculagem do terreno e levantamento topográfico*

A planta topográfica do Cabeço da Bruxa (Est. II) foi levantada entre 9 e 21 de Dezembro de 1978 pelos autores <sup>(1)</sup>, na escala 1:100, com uma equidistância de 25 cm entre as curvas de nível (publica-se aqui na escala 1:400).

Na mesma ocasião, procedeu-se à quadriculagem do terreno para a escavação. Os eixos (a e b) foram orientados de modo a que a escavação pudesse fornecer perfis longitudinais e transversais tão compridos quanto possível. O ponto de triangulação cadastral TC 385, cujas coordenadas rectangulares Gauss (origem: ponto central) têm os valores  $M = 40\,989,08 / P = 47\,352,19 / N' = 14,43 / N'' = 14,21$  (fornecidos pelo I.G.C. em Dezembro de 1978), serviu de ligação ao sistema geodésico português. No sistema de coordenadas da escavação foram atribuídos ao TC os valores  $a = 70$  e  $b = 30$ , de tal modo que na área da escavação se trabalhou apenas com valores positivos. As distâncias de 10 ou 5 m, conforme os casos, os pontos de medição foram cimentados. Para as cotas de altura, tomaram-se os valores fornecidos pelo I.G.C. em relação ao nível médio do mar em Cascais.

### *Técnica de escavação*

Um dos objectivos da escavação era comprovar se seria possível obter uma confirmação estratigráfica das diversas épocas que sabíamos que o material encontrado à superfície abrangia. Com esta finalidade, procurámos obter um perfil Norte-Sul do cabeço tão longo quanto possível, o qual, após se ter endireitado progressivamente o perfil do erosionado talude, veio a ser implantado em  $b = 29$ . Além disso, deveria ser recolhido, na sua exacta posição, o maior número possível de material arqueológico e, por motivos óbvios, deveria ser rapidamente esclarecido qual a zona do cabeço que poderia continuar a ser utilizada como areeiro. Para esta finalidade, o mais indicado parecia sei a área Sudeste (cortes 2, 3, 4 e 5), onde à superfície podiam ver-se várias tocas de coelho, depreendendo-se que esta zona estaria já muito destruída. Para maior segurança, foram, no entanto, também aqui registados alguns perfis.

O carácter arenoso do terreno tem como consequência o facto de no Cabeço da Bruxa os perfis serem muito pouco estáveis. Eles têm de ser rapidamente desenhados, não podendo, como em geral é aconselhável, continuar a ser observados durante muito tempo; com grande frequência, os perfis ruíram parcialmente ou mesmo, após alguns dias, na sua totalidade.

Os taludes irregulares foram assim progressivamente recuados em fatias de 1 m (Est. IX, 3). Desta forma, chegámos de um modo relativamente rápido ao solo virgem e, além disso, depressa pudemos obter um elevado número de perfis, pequena compensação para o escasso tempo de que dispúnhamos para a observação.

Os planos foram obtidos pela remoção sucessiva de camadas de cerca de 10 cm de espessura. Os achados foram separados consoante as camadas e, dentro destas, segundo as colorações do terreno e, além disso, por  $m^2$ . Estes princípios foram sistemática e consequentemente aplicados, uma vez que limitam quantitativamente a possibilidade de uma atribui-

---

<sup>(1)</sup> No levantamento topográfico tivemos a colaboração de Fernando Artur Gonçalves. Durante a escavação, foi-lhe confiada uma grande parte das tarefas técnicas, o seu empenhamento terá de ser aqui muito especialmente destacado.

ção estratigráfica errada dos achados,, devido a colorações que nos planos passam despercebidas (um complexo de achados pode, assim, compreender, no máximo, 0,1 X 1 X 1 m, ou seja, 0,1 m<sup>3</sup> de terra). Uma vez que, além disto,, o número de inventário é sempre atribuído antes da escavação do respectivo complexo de achados, as zonas sem achados ficam documentadas por números a que não corresponde qualquer objecto encontrado-. Os planos são desenhados apenas quando se entende ser necessário mas, no entanto, são sempre cotados.

#### *Sucessão estratigráfica (Est. III).*

Uma sucessão estratigráfica geral pode ser detectada em todos os perfis: sob um estrato de húmus superficial, que tem uma potência máxima de 30 cm e, nalguns locais, é constituído apenas pela camada vegetal, estende-se um estrato claro, arenoso, de potência variável. Este cobre, por seu lado, uma antiga superfície de cultivo, cujos regos se notam facilmente no perfil (Est. X, 1) — por exemplo, entre  $a = 17,60$  e  $a = 21$  ou também entre  $a = 34,40$  e  $a = 41$  no perfil principal em  $b = 29$  — e que, também no plano, puderam por diversas vezes ser observadas (Est. III, e). Entre essa antiga superfície de cultivo e o estrato de areia estéril da base, a potência estratigráfica varia entre 60 a 80 cm, ultrapassando estes valores; apenas nos locais! onde existem fossas profundamente abertas na areia de base (Est. III, c). Esta zona estratigráfica é difícilmente pode ser subdividida. Nuns; sítios podem reconhecer-se fossas (umas vezes no perfil, outras no plano; (Est. III, c), noutros pode distinguir-se no perfil uma zona mais clara subjacente a outra mais escura; por diversas vezes, foram detectados grupos de pedras (Est. X, 1).

Se, por um lado, esta sucessão tripartida (solo virgem; estrato escuro, difícilmente diferenciável / antigo solo de cultivo; estrato arenoso claro / húmus superficial) é nítida no perfil, por outro lado a interpretação afigura-se-nos difícil.

Do ponto de vista dos achados, todo o complexo, estratigráfico pode ser, desde logo, dividido em duas zonas: uma inferior, na qual aparece apenas cerâmica feita à mão, e uma superior, na qual, a par da cerâmica feita à mão, se encontram sobretudo cerâmica feita ao torno e fragmentos de tijoleira e de *tegulae*. Nos cortes 2, 3, 4 e 5, esta divisão não se verifica, dado que aqui a cerâmica feita ao torno se infiltrou até às mais profundas camadas com achados. Qual o motivo deste facto, pode ser explicado a partir da observação dos perfis (Est. IV) em  $a = 17,60$ ,  $b = 18$  a  $28$  e  $a = 15,60$ ,  $b = 20,60$  a  $24,40$ , nos quais são nítidas as destruições provocadas por animais, nestes dois casos concretos por tocas de roedores, por via das quais, naturalmente, o material mais recente penetrou até às camadas mais baixas. Também a estrutura feita por roedores que no corte 2 E/F pôde facilmente observar-se na areia de base é disso um bom exemplo. Ela documenta-se aqui para que, de futuro possam ser evitadas falsas interpretações de estruturas semelhantes, por exemplo como vestígios de postes (Est. IV, c; Est. X, 2).

Que, nestes casos que apontámos, se trata, de facto, de infiltrações e não de mistura de estratos, parece poder concluir-se de modo esclarecedor, do achado da urna CB 854 (cf. adiante p. 68) se, em toda esta área sudeste do cabeço, os estratos estivessem realmente revolvidos e misturados desde a base, esta urna e os objectos que a acompanhavam não teria chegado intacta até aos nossos dias.

Também encontrámos uma explicação para o facto de a parte mais baixa do cabeço ter sido mais intensamente afectada pela activi-

dade dos aimais do que as zonas de cota mais alta: quando a cheia começou a subir, a 6 de Fevereiro de 1979, toda a qualidade de animais da planície se refugiou no Cabeço da Bruxa, que ficava mais alto, conservando-se no entanto sempre à borda de água (isto é, nas zonas mais baixas), visto no alto estarem as nossas tendas. De igual modo, poderá imaginar-se uma situação idêntica para o povoamento antigo, dado as cheias da primavera serem, na verdade, um fenómeno natural, cuja regularidade anual foi interrompida apenas pela construção das modernas barragens.

### *Achados*

Não queremos adiantar-nos aqui ao estudo pormenorizado dos achados a que, de momento, se procede.

O material pré-histórico consiste sobretudo em cerâmica não decorada, feita à mão, que, no geral, é tão vulgar que, teoricamente, poderia ser atribuída a qualquer época em que houvesse cerâmica feita à mão. Neste caso, só o estudo pormenorizado da posição estratigráfica e as comparações que ultrapassem o âmbito estritamente local poderão trazer alguns esclarecimentos.

A quantidade da cerâmica decorada é relativamente pequena; também acerca dela, quaisquer afirmações da nossa parte poderiam ser, neste momento, consideradas prematuras. Para além da cerâmica há também artefactos de pedra, sobretudo lâminas de sílex e alguns machados líticos, em parte incompletos. Não foram recolhidos ossos nem instrumentos feitos em osso, facto que reside certamente nas condições de conservação específicas.

É nossa intenção apresentar aqui apenas aquele número reduzido de achados que, desde já, permite uma classificação dentro de determinados parâmetros cronológicos.

#### 1. *Os chamados ídolos-de-cornos ou suportes para espeto* <sup>(14)</sup> (*Est. V, 1 e 2*).

Durante a primeira campanha de escavações foram encontrados cerca de 15 fragmentos destes chamados ídolos-de-cornos, em parte de pequeno tamanho mas de fácil classificação, atribuíveis a vários exemplares. Eles distribuem-se uniformemente pela área escavada e vêm, quase sem excepção, das camadas mais profundas. Também durante a segunda campanha foram encontrados muitos fragmentos, sendo aqui reproduzidos, na (*Est. XIII, 1,2*), os dois que se apresentavam melhor conservados.

Na Península Ibérica, temos actualmente conhecimento de 11 estações com estes ídolos-de-cornos, das quais 6 se situam em Portugal. Com uma excepção (a *tholos* de Santiago do Escoural), trata-se sempre de achados efectuados em povoados. Com base na sua posição estratigráfica no Morro de Mezquitilla <sup>(15)</sup> e em Vila Nova de São Pedro <sup>(16)</sup>, estes ídolos-de-cornos são datados no chamado «horizonte de importação» do Calcolítico, datação esta que corresponde inteiramente aos achados

<sup>(14)</sup> Cf. além dos trabalhos citados nas notas 1 e 2 M. S. López Plaza, *XMI Congresso Nacional de Arqueologia, Huelva 1973 pp.. 499 ss.; além disso* F. Fernández Gómez—D. Oliva Alonso, *Madridier Mitteilungen* 21, 1980, p. 40.

<sup>(15)</sup> H. Schubart, *Madridier Mitteilungen* 18, 1977, p. 44 s.

<sup>(16)</sup> Cf. nota 2.

que lhes estão associados em Valencina<sup>(17)</sup>, São Brás<sup>(18)</sup> > Santiago do Escoural<sup>(19)</sup>, Penedo de Lexim<sup>(20)</sup> e Pico Agudo<sup>(21)</sup>.

Todavia será de sublinhar que, se no Cabeço da Bruxa salta à vista o facto de estarmos perante uma grande quantidade destes ídolos-de^cornos, no entanto faltam todos os outros achados do chamado «horizonte de importação»: não encontramos um único caco da chamada cerâmica de importação nem uma única ponta de seta, e isto apesar de Vila Nova de São Pedro estar apenas à distância de 20 km em linha recta — posto que na outra margem do Tejo.

## 2. Vasos campaniformes e cerâmica do Bronze Médio.

Entre os poucos cacos do Cabeço da Bruxa que podem ser classificados logo à primeira, figura um fragmento de vaso campaniforme (Est. XIII, 3), que foi encontrado à superfície após a descida da cheia; aparentemente, este caco tinha sido posto a descoberto em virtude da erosão do perfil nas zonas O, P ou Q. Entretanto, existem outros pequenos cacos de vasos campaniformes descobertos durante a segunda campanha, assim como uma ponta tipo Palmeia, que parecem também apontar para uma utilização do cabeço nesta época

A maior parte dos vasos carenados encontrados no cabeço poderia pertencer a contextos da Idade do Bronze Tardia (ou, talvez, ainda mais recentes). Só alguns fragmentos lembram vasos funerários do Bronze Médio<sup>(22)</sup>.

## 3. As urnas (Est XI e XII; Est VI, 1 e 2).

Durante a primeira campanha de escavações foram descobertas três urnas, duas delas com recipiente (associado, que pela forma e pela pasta <<sup>23</sup>>), podem ser atribuídas à «Cultura de Alpiarça» <<sup>24</sup>> e que, pelos braceletes de bronze que foram encontrados juntos, correspondem ao que A. Mendes Corrêa designa como «Urnenfelder de Alpiarça»<sup>(25)</sup>. São, tanto quanto se pode saber através das publicações, as únicas urnas deste género escavadas e registadas no seu contexto.

A urna GB 362-1 foi descoberta a 22 de Janeiro quando no corte 6 D ruiu uma parte do perfil em  $b = 28$  m. Ela estava em  $a = 18$  m,  $b = 28$  m, a uma cota de 11,40m (parte mais alta) e portanto 40cm abaixo da terra vegetal actual. Estava envolvida por um barro amarelo consistente, o que originou provavelmente a queda do perfil precisa-

(<sup>17</sup>) Cf. D. Ruiz Mata, *Madrider Mitteilungen* 16, 1975, 80-1JL0.

(<sup>18</sup>) Escavação inédita de 1979; agradecemos esta informação a Rui Parreira.

(<sup>19</sup>) Cf. M. Farinha dos Santos — O. da Veiga Ferreira, *O Arqueólogo Português*, série III, 3, 1969, pp. 37-62.

(<sup>20</sup>) J. Morais Arnaud, *O Arqueólogo Português*, série III, 7-9, 1974-77, 398-406, em especial 400; J. Morais Arnaud *et ai*, *O Arqueólogo Português*, Série III, 5, 1971, pp. 97-132.

(<sup>21</sup>) Cf. nota 1.

(<sup>22</sup>) Cf. H. Schubart, *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel* (Madrider Forschungen IX), 1975.

(<sup>23</sup>) No original alemão *Tonzubereitung*, termo utilizado por V. Pingel, *Die glatte DrehscheibenKeramik von Manching*, *Die Ausgrabungen von Manching IV*, 1971, p. 83.

(<sup>24</sup>) G. Marques — M. Andrade, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia Porto 1973*, p. 140.

(<sup>25</sup>) Mendes Corrêa *op. cit.* (nota 7) p. 131-138.

mente neste sítio: este esborou-se na transição do enchimento de barro compacto da cova funerária, pois disso se tratava, para o solo de areia mais branco que a rodeava e que aparecia no perfil. A cova funerária aberta no chão e cheia com barro pisado tinha cerca de 30 cm de profundidade e estava coberta com um montículo de pedras brancas. Junto à urna, pôde recolher-se uma taça, CB 362-2, e, no fundo da fossa, o fragmento de um bracelete de bronze, CB 362-3 <sup>(26)</sup>. Os recipientes estavam completos, embora a urna estivesse partida. Um pedaço da parede desta foi arrastado na queda do perfil e nunca mais se encontrou. Todos os recipientes foram recolhidos com o respectivo recheio e analisados na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga <sup>(27)</sup>, sem que viessem a fazer-se quaisquer outros achados.

A urna CB 771-1 foi igualmente posta a descoberto pela queda de um perfil. Estava em  $a = 40,50$  m,  $b = 27,60$  m e à cota de 12,25 m (extremidade inferior), no testemunho entre os cortes 6 H e 6 J. A sua parte superior encontrava-se a cerca de 80 cm abaixo da superfície actual. A fossa funerária estava também cheia de barro compacto, neste caso cinzento, e tinha primitivamente uma profundidade de cerca de 60 cm, se considerarmos que as três únicas pedras brancas que restaram da cobertura sepulcral correspondem à antiga superfície. Para além do recipiente CB 771-2, que acompanhava a urna e foi colocado inveirido na fossa funerária, não se encontraram outras dádivas. Também no que respeita a estes dois recipientes, a análise do seu conteúdo na oficina de restauro de Conimbriga não forneceu mais achados.

A urna CB 854 foi descoberta nem em qualquer uma das superfícies escavadas nem durante a escavação propriamente dita: depois da descida das cheias, apareceu no talude erosionado pela água em  $a = 19,60$  m,  $b = 13$  m, à cota de 11,20 m, cerca de 30 cm abaixo da superfície. Tomada nota da sua localização, foi então recolhida sem que o local pudesse ser investigado com mais pormenor. Um possível recipiente associado ou não existia ou tinha já desaparecido. A análise do conteúdo teve o mesmo resultado que a das outras duas urnas. Quando, no início da segunda campanha, observámos os perfis à volta do cabeço, encontrámos então, no mencionado talude que entretanto estava já mais erosionado, cinco braceletes de bronze (Est. XII, 4) que, após uma localização exacta no sistema de coordenadas, se verificou estarem numa área de 20 a 40 cm afastada da urna CB 854 e à mesma cota. Embora a sua associação não esteja totalmente assegurada, ela é, no entanto, altamente provável.

#### 4. Achados da época romana.

Os achados da época romana consistem em cerâmica feita ao torno (cf. o artigo de M. Delgado inserto no presente volume, pp. 71 ss.), fragmentos de tijoleira e de *tegulae*, assim como um artefacto de ferro ainda não classificado. Durante a segunda campanha puderam ser detectados vestígios de construções desta época, que confirmaram a impressão, com que tínhamos ficado a partir dos achados, que nessa época o cabeço se encontrava novamente povoado.

<sup>(26)</sup> Este objecto não figura no presente trabalho, visto encontrar-se em restauro em Conimbriga. Corresponde aos braceletes da est. 20.

<sup>(27)</sup> Agradecemos à directora do Museu, A. Alarcão, a rápida e nada burocrática investigação e restauro dos vasos, sem o que não teria sido possível publicar já desta forma o presente relatório preliminar.

Terá de citar-se ainda uma moeda, CB 370 (Est. XIII, 5 e 6), a única até agora encontrada no Cabeço da Bruxa. Trata-se de uma moeda de cobre hispano-oartaginesa, que data certamente do último quartel do séc. III a.C. <<sup>28</sup>>).

*Considerações finais,*

O Cabeço da Bruxa, nos arredores de Alpiarça, irá desaparecer dentro de pouco tempo. Como muitos outros cabeços da planície do Tejo, provavelmente também povoados durante a época pré-histórica, ele será sacrificado à mecanização da moderna agricultura. Mesmo quando a interpretação dos vestígios pré-históricos se afigura mais difícil nesta estação do que noutros locais, os valiosos achados fornecem, só por si, um importante contributo para o estudo do povoamento pré-histórico desta região úbere e, por isso mesmo, importante para o desenvolvimento das culturas no extremo ocidental do Mundo Antigo.

---

(28) Agradecemos a identificação desta moeda a I. Pereira, do Museu da Figueira da Foz: «Proc. Alpiarça CB 370. Moeda hispano cartaginesa. A) Cabeça de Perséfone-Tanit à esquerda. B) Cavalo parado à direita; atrás palmeira, Metal: AĒ. Peso: 9 g. Diâmetro 22/23 L. Eixo: 12 Atelier: incerto. Cronologia: 221-218 a.C. Referência: Villaronga, *Las monedas hispano-cartaginesas*, Barcelona, 1973, pp. 157-158, clase IX, tipo II; estampa XII, 122.».